

DOCUMENTÁRIO

“A NOVA GAZETA DA TERRA DO BRASIL”.

(Estudo Crítico).

Em 1914, o tomo XXXIII dos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, por meio de uma edição de quinhentos exemplares, divulgou o trabalho de Rodolfo R. Schuller sobre *A Nova Gazeta da Terra do Brasil*. Nesse trabalho encontra-se a reprodução em fac-símile do panfleto *Newen Zeytung auss Pressilg Landt*, bem como a sua tradução portuguesa. O exemplar da *Nova Gazeta* que se acha hoje na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, é um impresso raríssimo que fez parte da coleção do Dr. José Carlos Rodrigues, bibliógrafo e bibliófilo brasileiro. Esse volume possui dois ex-libris. Um deles é um braço com coroa de carvalho de oito folhas; este é um dos mais antigos conhecidos e portanto não está descrito em obra alguma. O outro, de menor tamanho, cremos que é mais moderno; é o ex-libris da Biblioteca *Conventus Bulsanensis ad S. Franciscum Ord. Min. Ref. (ormatorum) Prov. Tyrol*. Nada existe como referência esclarecedora sobre a saída do volume, da livraria do convento dos padres Franciscanos de Bolsana, no Tirol (Áustria), para ir parar como se sabe, nas mãos dos Irmãos Rosenthal, livreiros de Munique. Foi destes livreiros que o nosso patrício Dr. José Carlos Rodrigues o adquiriu pela soma respeitável de 14.400 marcos. Dez outros exemplares são, além desse, conhecidos; acham-se em Bibliotecas públicas e particulares da França, Alemanha e América do Norte. Eis a relação:

Munique (Baviera)	2 exemplares na Real Biblioteca Pública
Nurenberg (Baviera)	1 exemplar no Arquivo da Família Fugger
Regensburg (Baviera)	1 exemplar na Livraria dos Príncipes Fugger
Dresden (Saxônia)	1 exemplar na Real Biblioteca Pública
Leipzig (Saxônia)	1 exemplar na Biblioteca da Universidade
New York	1 exemplar na Livraria Astor
New York	1 exemplar na Livraria Lenox
Providence, R. I.	1 exemplar na Biblioteca John Carter Brown
Paris	1 exemplar na Livraria que foi de Henri Ternaux-Compans.

Segundo K. Haebler (*Die Newen Zeytung auss Pressilg Landt im Furstlich Fugger'schen Archiv* — 1895), existe também uma cópia manuscrita da *Gazeta* no arquivo dos príncipes Fugger. E' uma fôlha *in-fólio* que tem por título:

Notícias trazidas por um navio que saiu de Portugal para descobrir a terra do Brasil mais longe do que antes se sabia e na volta chegou à ilha da Madeira; escritas da Madeira para Antuérpia por um bom amigo.

Nas obras de Humboldt, Ruge, Wieser e Capistrano, figuram reproduções do texto que pertence à Biblioteca Pública Real de Dresden. O mesmo Capistrano tem uma versão portugueza da *Gazeta*, do texto alemão publicado por Wieser. Na *História Geral do Brasil* de Varnhagen e no seu estudo que se intitula *Nouvelles Recherches sur les Derniers Voyages du Navigateur Florentin, et le Reste des Documents et Éclaircissements sur lui*, encontram-se trechos isolados do exemplar de Dresden, vertidos para nossa língua.

O trabalho de Schuller sobre *A Nova Gazeta da Terra do Brasil*, é realmente o melhor trabalho crítico dêsse importante documento. Procura explicar as origens do documento e principalmente apontar qual a expedição a que pertencia o navio que aportou na ilha da Madeira em 1514. Êstes são os pontos capitais para os quais convergem os estudos de quantos procuram interpretar o documento.

Assim está redigido o documento:

“Sabei que aos 12 do mês de outubro de 1514 aqui aportou da Terra do Brasil, por falta de virtualhas, um navio que D. Nuno e Cristóvão de Haro e outros armaram ou aprestaram. São dois os navios com licença do rei de Portugal para descrever ou reconhecer a terra do Brasil. E descreveram a terra mais 600 ou 700 milhas do que antes se sabia. E assim chegaram (à altura do) Cabo da Boa Esperança que é uma ponta ou lugar que avança no mar de Norte a Sul e ainda um grau mais acima ou mais longe. E quando chegaram àquêlê clima ou região, isto é, quarenta graus de altura (latitude Sul) descobriram o Brasil, com um Cabo, isto é, uma ponta ou um lugar que avança no mar. E navegaram em volta ou circunavegaram êsse mesmo Cabo e acharam que aquêlê gôlfo corre do mesmo modo que a Europa, do lado do poente para levante, isto é, situada entre o Levante ou Este e o Poente ou Oeste. Depois viram terra também do outro lado, quando tinham navegado perto de sessenta milhas em volta do Cabo, do mesmo modo que quem navega para Levante e passa o estreito de Gibraltar, isto é, passa por êle e vê a terra da Berbéria. E quando deram volta ao Cabo, como fica dito, e navegaram para Noroeste, era tão grande aí o temporal e também ventava de tal modo que não puderam navegar mais para diante. Assim foram

obrigados a voltar pela Tramontana, isto é, Norte ou Meia-Noite, ao outro lado e costa, isto é, à terra do Brasil. O piloto, isto é, o comandante ou capitão, que navegou neste navio, é meu ótimo amigo. Ele é também o mais afamado (Piloto) que tem o rei de Portugal. Esteve também em algumas viagens na Índia e diz-me e opina que nesse Cabo do Brasil, isto é, um comêço da terra do Brasil, não há mais de 600 léguas para Málaca. Pensa também que em curto tempo com tal Viaggio, isto é, caminho ou viagem, (Será Possível) ir e voltar de Lisboa a Málaca, o que trará ao rei de Portugal, com a especiaria, grande auxilio. Acham também que a terra do Brasil se estende até Málaca. E quando voltaram para costa ou lado do Brasil, para Oeste, acharam muitos rios bons, isto é, rios e portos, do mesmo modo que durante a navegação para lá. São bem povoados, isto é, cheios de gente ou muito habitados, e dizem que quanto mais para o Cabo tanto melhor a gente, de bons costumes, de índole honrada; não há neles vício nenhum, a não ser que uma aldeia faça guerra à outra. Não se comem, porém, uns aos outros, como na terra do Brasil inferior. Matam-se todavia uns aos outros. Não fazem prisioneiros. Dizem que o povo é quase de boa e franca condição, isto é, de boa natureza. O povo naquela costa ou lado também não tem Leze, isto é, leis, nem rei e unicamente honram entre êles aos velhos e lhes obedecem da mesma maneira que na terra do Brasil inferior. O povo é o mesmo; tem somente outra lingua. Nessa mesma costa ou terra há ainda memória de São Tomé. Quiseram também mostrar aos portuguezes as pegadas do interior do país. Mostram igualmente a cruz que há terra a dentro. E quando falam de São Tomé, dizem que êle é o deus pequeno. Pois há outro deus que é maior. E' bem crível que tenham lembrança de São Tomé, pois é sabido que São Tomé realmente está por traz de Málaca na costa de Siramath, no Gôlfo de Ceilão. Na terra dão freqüentemente aos seus filhos o nome de Tomé. No interior há grandes montanhas. Dizem que em alguns lugares nunca desaparece a neve, conforme informa a gente do lugar. Estiveram em alguns portos, onde encontraram muitas peles diferentes e curiosas de animais ferozes. Mesmo cruas, vestem-nas as gentes sobre o corpo nú. Não sabem prepará-las. Especialmente peles de leões e leopardos, de que existem muitos na terra, lince e gineta da mesma que se caça na Espanha e também peles pequenas, que se parecem com as da gineta e semelhantes às do lince, quando são magnificas de cabelos e assim parecem peles de marta. Cortam as grandes peles de leopardo e lince e fazem delas cintas de largura de um palmo. Há também muitas lontras e castores, o que é sinal de que a terra tem grandes águas correntes. Há também cintas de peles que me são desconhecidas. Das peles anteriormente mencionadas e um tanto diferentes o que eram cobertas de pele branco, comprei para mim,

mas não muitas, pois não trouxeram em quantidade tais peles encabeladas, que, dizem, elles não têm procurado porque não são apreciadas. Dizem que o outro navio que ainda ficou atrás transporta muitas dessas peles e outras coisas, pois esteve mais tempo a carregar. Nele está também o capitão dos dois navios. Entre outras coisas comprei ainda três peças de várias peles cozidas juntas. São tôdas três quase tão grandes que podem forrar um gibão. Os portuguezes não as têm estimado. Na terra se cobrem com elas, cozidas juntas, da mesma maneira que em nossa terra se faz o cobertor com peles de lobos. E' realmente por si só um magnifico fôrro. Cada uma das peles é do tamanho da do texugo e tem a côr da do cervo. A pele exterior é coberta de lã, tem cabelos compridos e agudos, um tanto espessos, da mesma maneira que uma zibelina. A parte interior da pele é macia como a da martha. A pele tem de si mesma um cheiro muito agradável. A terra tem também uma extraordinária quantidade de frutas que na qualidade são diferentes das que temos em nossa terra. Acharam também na terra canafistula da grossura de um braço. Há igualmente mel, cêra, uma espécie de goma muito semelhante à terebentina, muitas aves e de muitas qualidades, de pés cabeludos. A sua defesa se faz com o arco, como é usado na terra do Brasil inferior. Não têm mina de ferro; dão por uma acha ou machado e por uma faca o que possuem, como é costume da terra do Brasil inferior. Há também na terra uma qualidade de especiaria que arde na língua como pimenta e ainda mais forte. Acha-se numa vagem com muitos grãozinhos dentro. O grão ou semente é do mesmo tamanho da ervilha. Deveis saber além disto que elles trazem noticias bastante exatas de que do referido Cabo até nós há perto de 200 milhas e que ali estiveram num pôrto e rio, onde receberam noticias de muita prata e ouro e também cobre que se acham no interior do país. Dizem que o capitão do outro navio traz para o rei de Portugal um machado de prata semelhante aos seus (dos naturais) machados de pedra. Traz-lhe também um metal que dizem parecer latão e não receber ferrugem nem corrupção. Não sabem se é ouro baixo ou o que é. Nesse mesmo lugar, à beira mar, souberam daquele mesmo povo que no interior do país existe um povo serrano que tem muito ouro e traz o ouro batido fino à maneira de arnez na frente e ao peito. O capitão traz também um homem daquela terra que quis ver o rei de Portugal. Diz êle que quer dar noticia ao rei de Portugal de que se acham no país tanto ouro e prata que seus navios não podem carregar. As gentes daquele lugar também dizem que às vêzes chegam ali outros navios. Trazem roupas como nós. Os portuguezes dizem que são franceses segundo informa o povo. E têm também barbas, quase tôdas vermelhas. E os honrados portuguezes dizem que são chins que navegam para Málaca. Há noticias de que is-

to é exato, pois sabem que em Málaca a prata e o cobre são mais baratos do que em nossa terra. Assim tendes a gazeta das novas notícias. O navio está sob a coberta carregado de pau-brasil e na coberta está cheio de rapazes e raparigas comprados. Pouco custaram aos portugueses, pois na maior parte foram dados por livre vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a Terra Prometida. Dizem também que o povo naquele lugar alcança aos 140 anos”.

Para Humboldt (1), o navio que aportou na ilha da Madeira, seria de uma expedição enviada ao Estreito de Magalhães; acha que a *Gazeta* foi escrita entre 1525 e 1540. Fácilmente se pode refutar a opinião de Humboldt; basta considerar que a *Gazeta* foi utilizada por Schoner em 1515 para o tratado da *Brasiliae Regio* de sua *Luculentissima*. . . etc. (2). Eis porque a *Gazeta* não pode ter sido escrita entre 1525 e 1540. Além disso, é sabido que Cristóvão de Haro, natural de Antuérpia, e que se achava em Portugal servindo ao rei D. Manuel, e apontado como armador da expedição referida na *Gazeta*, havia deixado o serviço do rei em 1517.

Sofus Ruge coloca a *Gazeta* entre os documentos apócrifos (3). Julga que o documento não tem outro fundamento senão no das noções da época, sobre as expedições em geral. Para êle a impressão da *Gazeta* ocorreu entre 1511 e 1515. Assim crê, baseado na suposição geral de que em 1511 pela primeira vez, apareceu o nome Brasil em substituição ao nome Terra de Santa Cruz. E 1515 foi o ano da publicação da *Cosmografia* de Schoner.

Varnhagen é de parecer que a *Gazeta* escrita em alemão, poderia ser uma tradução do original escrito em italiano. Cremos que assim pensou o Visconde de Pôrto Seguro, considerando a infinidade de nomes italianos encontrados na carta, com a respectiva tradução para alemão. Pode-se julgar perfeitamente que o autor anônimo da carta escrita da ilha da Madeira para Antuérpia, fôsse um agente comercial, um feitor de uma empresa comercial na ilha da Madeira; da ilha endereçou ao chefe da casa comercial em Antuérpia, a carta. Êste não deveria conhecer outra língua que não fôsse o alemão; isto justifica as traduções das palavras italianas que o autor anônimo da *Gazeta* fêz para elucidar o amigo.

Na sua *História Geral do Brasil*, Varnhagen identifica o navio que aportou na Madeira, com a expedição de João Dias de Solis e Vicente Yañes Pinzon ao Rio da Prata em 1508, fixando-lhe o ano 1510. Todavia, encontra-se no tomo XXII da *Colección*

(1). — Apud Varnhagen, *História Geral do Brasil*, vol. I, pg. 118.

(2). — João Schoner, *Luculentissimo quaedam terrae tutius descriptio*, Noribergae, 1515.

(3). — Apud Rodolfo Schuller, *op. cit.* Vide também pg. 408 da *História da época dos Descobrimientos* de Sophus Ruge, versão portuguesa por Manuel D'Oliveira Ramos.

Inéditos del Archivo de Indias, Madri, 1874, o teor da *Capitulacion* ou *Asiento* feito em Burgos aos 23 de março de 1508, o qual elucida o objetivo da expedição de 1508. Ela não era destinada ao Rio da Prata, mas “à la parte facia el occidente” em busca de “*aquel canal ó mar abierto que principalmente habeis de buscar*”. Não foi exclusivamente Pôrto Seguro quem incidiu no êrro, mas também Haebler, e Kretschmer em *Die Entdeckung Amerikas In Ihrer Bedeutung Fur Die Geschichte Des Weltbildes* (1892).

Na opinião de D’Avezac, autor de *Considérations Géographiques sur l’Histoire du Brésil*, publicada em Paris em 1857, a *Gazeta* é documento referente a uma das expedições de Américo Vespucci. O argumento de D’Avezac deu ensêjo a outro parecer formulado por Varnhagen. Para êle a expedição mencionada na *Gazeta* foi a que confiou Portugal aos pilotos Vasco Galego e João de Lisboa. Opinou também que o documento fôra escrito entre 1506 e 1515, baseado na íntima relação da *Gazeta* com a obra de Schoner, mencionada linhas atrás.

Depois dessas considerações, nova interpretação foi feita por Varnhagen. Desta feita, menciona alguma das expedições despachadas por Gonçalo Coelho ao Brasil em 1503, onde se domorou de dois a três anos, mandando explorar a costa sul até a baía de São Matias; conclui que os exploradores voltaram da região do Rio da Prata sem encontrarem passagem para Málaca; acrescenta: a carta da *Gazeta* narra essa excursão e é de 1506.

Refere Capistrano de Abreu em 1880, em estudo sôbre o *Brasil no Século XVI*, que Varnhagen divulgou uma carta do embaixador de Portugal na Espanha, dirigida a D. João III, datada de Medina Del Campo em 14 de dezembro de 1531, na qual se refere a “...*huma armada de Dom Nuno Manuel que por mandado del Rey voso paj (D. Manuel) que estaa em gloria foy descubrir ao dito Rio*” (da Prata). E conclui que D. Nuno visitara essas paragens entre 1505 e 1508.

Wieser admitiu que a *Gazeta* foi escrita e publicada em italiano; depois impressa em alemão entre outubro de 1508 e setembro de 1509, época em que os portugueses pela primeira vez chegaram a Málaca.

O parecer de Franz Wieser entretanto se desfez no que se refere à época em que se efetuou a viagem, quando Haebler descobriu uma cópia manuscrita da *Gazeta alemã*, pela qual se soube que “...no dia 12 de outubro de 1514 um navio da terra do Brasil aqui chegou...”.

Clemente Brandenburger em *A Nova Gazeta Alemã*, acha que a armada referida em *Newen Zeytung*, é a mesma de D. Nuno Manuel, a que alude o embaixador Álvaro Mendes de Vasconcelos na

carta datada de Medina Del Campo a 14 de dezembro de 1531. Esta carta foi divulgada por Varnhagen (4). Brandenburger também cita como piloto, João de Lisboa, lembrando o testemunho de Gaspar Corrêa que diz ter João de Lisboa descoberto o cabo de Santa Maria em 1514.

Informa Capistrano de Abreu em *Capítulos de História Colonial*, detalhes importantes sobre uma expedição que nos leva a crer, se tratar da mesma referida na *Newen Zeytung*. Vejamos o que nos diz Capistrano:

“No ano de 1513, uma armada de dois navios estendeu muito o horizonte geográfico pela zona temperada. Devassou segundo um contemporâneo 600 a 700 léguas de terras novas; encontrou na bôca de um caudaloso rio, diversos objetos metálicos; teve notícias de serras nevadas do ocidente; julgou ter achado um estreito e o extremo meridional do continente. O capitão talvez João de Lisboa, levou para o reino um machado de prata, e êste nome, apegado ao soberbo rio ainda hoje proclama a primazia dos portuguezes ao sul como o das Amazonas perpetua a passagem dos espanhóis ao norte. Com a viagem destes navios armados por D. Nuno Manuel e Cristóbal de Haro, coincidiu o descobrimento do Mar do Sul ou Pacifico por Vasco Balboa. Os espanhóis apanharam a importância destes sucessos, mandaram em 1515 procurar o estreito anunciado pelos portuguezes e incumbiram João Dias de Solis...”.

Não bastará o que Capistrano escreveu para identificar a expedição de João de Lisboa com aquela a que faz alusão a *Nova Gazeta*? O capitão João de Lisboa se identifica bem com a expressão da *Gazeta* “o mais afamado piloto que tem o rei de Portugal”. Realmente, êle era a êsse tempo, piloto-mor da navegação da Índia. A expedição de 1513 julgou ter achado o extremo meridional do continente; não seria por ventura, o descobrimento do cabo de Santa Maria em 1514 por João de Lisboa, segundo o testemunho de Gaspar Corrêa? (5).

As informações aspeadas de Capistrano, nos levam a aceitar que a expedição referida foi a que tocou na ilha da Madeira ao regressar do continente sul-americano, já no ano de 1514. Entretanto muitos dizeres da *Nova Gazeta* nos fazem pensar que ela foi escrita antes de 1509. Neste caso, não seria possível aceitar a expedição de 1513 com aquela a que refere a *Gazeta*. Êste parecer surgiu quando interpretamos os dizeres da *Gazeta* sobre Málaça: segundo o autor da *Gazeta*, os expedicionários que aportaram na ilha

(4). — In *Nouvelles Recherches sur les Derniers Voyages du Navigateur Florentin, et le Reste des Documents et Éclaircissements sur lui*, Viena, 1870.

(5). — Gaspar Corrêa, *Lendas das Índias*, vol. II pg. 628.

da Madeira, achavam que a terra do Brasil se estendia até Málaga. Ora, se êles assim pensavam, a *Gazeta*, concluímos nós, deve ter sido escrita numa época anterior ao mês de setembro de 1509, ocasião em que os portugueses sob a chefia de Diogo Lopez de Sequeira, pela primeira vez chegaram a Málaga. Esta conclusão merece certa atenção, pois então não aceitaríamos mais a João de Lisboa como piloto da expedição. Por que? Pelo fato de, sendo êle o piloto mais afamado de Portugal na observação do autor anônimo da *Gazeta*, não se pode admitir que êle em 1514 desconhecisse os avanços geográficos de Portugal, a ponto de julgar Málaga em conexão geográfica com o Brasil. Assim sendo, não haveria na altura de 1508, outro navegante senão Américo Vespucci, como o que melhor representa o piloto anotado pelo missivista da Madeira.

Não nos esqueçamos também que as cartas de Vespucci sobre suas viagens ao Brasil, traduzidas em diferentes idiomas, várias vêzes impressas, constituíam naquela época, a literatura mais divulgada na Europa sobre o continente sul-americano. O autor da *Gazeta*, as conhecia também. Sendo assim, não será exagêro admitir que a *Gazeta* possa ser uma cópia dessa literatura de autoria do florentino. Aliás, as cartas de Vespucci e a *Gazeta*, contêm expressões idênticas. Se isto não basta, devemos respeitar o parecer de que a referência à canafíscula, contida na *Gazeta*, foi copiada literalmente duma inscrição que se encontra no mapa italiano anônimo, conhecido como Kunstmann II. Essas observações devemos a Schuller.

Schuller também escreveu que a descoberta do cabo de Santa Maria, foi obra da primeira viagem de Vespucci ao Brasil. Seu ponto de vista, repousa no fato de que o nome Santa Maria já figurava no mapa de Cantino; diz que depois da volta do florentino a Lisboa, o mapa foi modificado, acrescentando mãos diferentes da do autor do mapa primitivo, na costa visitada de norte a sul por aquêle navegante, os nomes de São Miguel, Rio de San Francisco, Abaia de Todos Sanctos, Rio d(e) Brasil e Cabo de Sancta Maria.

A consideração final de Schuller é a de que *A Nova Gazeta da Terra do Brasil* é um documento suspeito, porque observa:

“o lugar (ilha da Madeira) onde se escreveu a carta e o ano em que se supõe tenha sido realizada a viagem, são notas agregadas por mãos diferentes da do verdadeiro autor da *Gazeta*, 16 anos depois da pretensa data de 1514, à uma cópia manuscrita e portanto não se lhes deve atribuir maior importância da que realmente merecem”.

O autor anônimo da carta era de nacionalidade alemã, considerando-se o título da obra e as considerações que se podem fazer quando se refere às peles cozidas usadas pelos índios. Esta expressão se ajusta melhor aos usos e costumes alemães do que dos países latinos, portanto o missivista era de nacionalidade alemã. Concluímos também que se achava mesmo numa ilha, onde aportou o navio com falta de vitualhas.

Contudo, indícios existem para se suspeitar da origem italiana do alemão; tal juízo se estriba no emprêgo de palavras italianas no texto da carta, com a respectiva tradução alemã; eis alguns casos: *Capo de Bona Sperantza*, *Viagio*, *Coperta*, etc. Há também a hipótese de que teria ouvido essas palavras e as transcrevesse naturalmente, apondo-lhes a tradução alemã. Quanto ao uso de mais de quarenta vocábulos ou expressões neo-latinas, nada de anormal para quem poderia viver entre portugueses ou espanhóis.

*

* *

Para nós, a *Nova Gazeta* é um documento suspeito. Com efeito, vários são os argumentos que nos levam a êsse raciocínio; vejamos: o missivista se manteve no anonimato sem razão de ser; uma vez que faz referências a D. Nuno e Cristóvão de Haro como armadores do navio que chegou à ilha da Madeira, deveria mencionar o nome do piloto principalmente porque diz que êste era seu amigo; sôbre a data (1514) em que aportou o navio na Madeira, pairam dúvidas quanto à sua grafia, supondo-se que tenha sido alterada por pessoa que não o próprio autor da carta; a mesma suspeita paira sôbre o que está escrito como preâmbulo do documento: “Notícias trazidas por um navio que saiu de Portugal para descobrir a terra do Brasil mais longe do que antes se sabia e na volta chegou à ilha da Madeira; escritas da Madeira para Antuérpia por um bom amigo”. Quem prova que tudo isso tenha precisão absoluta? A ilha de onde saiu a carta não poderia ser outra? Quem é o bom amigo? Antuérpia foi realmente o ponto de destino da carta?

Há quem admita que o autor da *Gazeta* havia estado em época anterior no Brasil, de modo que às informações do litoral sul da América, possivelmente lidas ou ouvidas, acrescentou certa comparação com as informações que êle colheu quando no Brasil havia estado.

Outra conjectura que podemos fazer sôbre o anonimato do missivista, é a de que êle mantinha com o amigo de Antuérpia, relações comerciais que para bom resultado deveriam ser mantidas em segredo. Grande parte dessa idéia surgiu quando lemos na Ga-

zeta a descrição minuciosa das peles compradas do navio que precisava de mantimentos. Cremos também que o fundo comercial das informações teria sobrepujado a simples vontade de narrar ao amigo de Antuérpia, coisas aparentemente sem importância. Quem perderia tempo com correspondência dessa natureza, em época de grande expansão comercial no Atlântico? Existem documentos que demonstram a continuidade de correspondência entre Madeira e Antuérpia? Até o momento cremos que não.

Se considerarmos a *Gazeta* um documento autêntico, e se concordarmos com a sua data e com a hipótese de se tratar da expedição de João de Lisboa, encontraremos em seu texto, algumas notícias que interessam aos etnógrafos.

As informações geográficas, são imprecisas; percorrendo a expedição 600 ou 700 milhas de terra, a mais do que antes se sabia, é coisa muito vaga. Qual seria o limite das terras conhecidas? Aceitando-se que a expedição alcançou a latitude de quarenta graus, teria realmente atingido a baía de São Matias, julgando-a ponto extremo da América. Esta região é pelo menos a que melhor se identifica com a narrativa da carta. Sôbre o conceito da conexão Málaca-Brasil, já comentamos. Cumpre lembrar que êsse conceito geográfico não poderia existir em 1514. Isto não destrói a aceitação do nome João de Lisboa e não nos leva a suspeitar da autenticidade do documento? Eis porque a *Gazeta* pode ter sômente relativo valor que é o etnográfico.

Num trecho da *Gazeta* se lê: "...Nessa mesma costa ou terra há ainda memória de São Tomé". Como interpretar êsses dizeres? Sabe-se que existiu entre os tupis, um mito referente a Sumé, que na interpretação católica, é uma corruptela de São Tomé...

Joaquim Ribeiro em *A Nova Gazeta Alemã*, comenta expressivamente êsse tópico da carta. Escreveu que

"As cruces que nas demais regiões da América do Sul se encontraram, se prendiam a outros ritos pagãos. O mito de São Tomé na América, foi entretanto inicialmente forjado pelos navegadores. Era que êstes confundiam a América com as Índias e daí descobrir naquela as tradições da última. O mito derivava em última análise de um erro geográfico dos que desejavam alcançar "el levante por el poniente".

Estas impressões reforçam portanto a opinião de que a *Gazeta* não se refere a uma expedição de 1514, pois nessa época não se poderia confundir América com Índia; além disso, devem persistir as dúvidas sôbre a autenticidade do documento.

A informação de que "o capitão do outro navio traz para o rei de Portugal um machado de prata..." faz supor contacto dos expedicionários com a região do rio da Prata; na mesma região te-

riam recebido notícias dos incas (o povo serrano a que referem os exploradores).

O autor da *Gazeta* conta que a terra visitada pelos portugueses, segundo estes, também recebia expedições francesas; assim julgaram porque seus componentes tinham barbas vermelhas. Não seriam eles flamengos?

Embora os portugueses fizessem esse conceito para concordar com a opinião dos indígenas, disseram ao missivista da Madeira que os supostos franceses dos índios, eram chins que navegavam para Málaca. O interessante é frisar que o *alemão* da *Gazeta*, a êsses detalhes, adiciona a curiosidade de que se sabia que em Málaca a prata e o cobre eram mais baratos do que em sua terra natal. Pois bem; se os portugueses isso disseram, a observação nos dá o ensejo de julgar que a *Gazeta* foi escrita verdadeiramente depois da conquista de Málaca, ou seja, depois de 1509.

O último parágrafo da *Nova Gazeta*, pelo seu conteúdo nos leva a supor que a expedição tão discutida possa ser a que desenvolveu a famosa nau Bretoa. Senão vejamos: "...O navio está, sob a coberta carregado de pau-brasil e na coberta está cheio de rapazes e raparigas comprados".

Sabemos que a nau Bretoa regressou a Portugal nos últimos dias de julho de 1511, carregando 5.000 toros de pau-brasil, 40 peças de escravos (mulheres na maioria), comprados ao preço médio de 4\$000. A nau tinha por piloto João Soares de Carvalho e foi armada por Bartolomeu Marchioni, Benedito Morelli, Fernão de Loronha e Francisco Martins. O livro dessa nau é realmente o primeiro documento da História Econômica do Brasil. Dêle não poderia ter-se utilizado o autor da *Nova Gazeta*? Não seria possível que a data 1511 fôsse rasurada para 1514? Não se suspeita esse fato? Então poderemos admitir que o navio que tocou na ilha da Madeira foi a nau Bretoa.

Ainda no último parágrafo, a *Gazeta* diz: "...pouco custaram (os escravos) aos portugueses, pois na maior parte foram dados por livre vontade, porque o povo de lá pensa que seus filhos vão para a Terra Prometida". Joaquim Ribeiro (*op. cit.*), refere que a Terra da Promissão parece ser uma lenda ameríndia.

HÉLIO A. CRISTÓFARO

Licenciado em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo